

Chaves conceituais e objetos de pesquisa em rádio e mídia sonora no século XXI¹

Marcelo KISCHINHEVSKY²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Lena BENZECRY³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Izani MUSTAFÁ⁴

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Leonardo DE MARCHI⁵

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Luã CHAGAS⁶

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Gustavo FERREIRA⁷

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Renata VICTOR⁸

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Luana VIANA⁹

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

Resumo

O artigo sistematiza resultados de levantamento dos objetos de pesquisa e perspectivas teóricas que nortearam a elaboração dos *papers* apresentados nos congressos nacionais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), no Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora, de 2001 a 2015. Busca-se, com isso, caracterizar o estado da arte das pesquisas no campo, quando se comemoram 25 anos de criação do GP.

Palavras-chave

Comunicação; Rádio; Mídia Sonora; Cartografia

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor do Departamento de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCS/UERJ), onde coordena o AudioLab e lidera o Grupo de Pesquisa Mediações e Interações Radiofônicas, listado no CNPq. Email: marcelok@uerj.br.

³ Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), bolsista Qualitec do Laboratório de Estudos em Comunicação, Inovação e Cultura (Lampe), da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCS/UERJ) e integrante do Grupo de Pesquisa Mediações e Interações Radiofônicas. Email: lena.benzecry@gmail.com.

⁴ Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), é bolsista Qualitec do AudioLab da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCS/UERJ) e integrante do Grupo de Pesquisa Mediações e Interações Radiofônicas. Email: izani@brturbo.com.br.

⁵ Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor visitante do Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCS/UERJ) e integrante do Grupo de Pesquisa Mediações e Interações Radiofônicas. Email: leonardodemarchi@gmail.com.

⁶ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM/UERJ) e integrante do Grupo de Pesquisa Mediações e Interações Radiofônicas. Email: luaanchagas@gmail.com.

⁷ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM/UERJ) e integrante do Grupo de Pesquisa Mediações e Interações Radiofônicas. Email: guzferreira@gmail.com.

⁸ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM/UERJ) e integrante do Grupo de Pesquisa Mediações e Interações Radiofônicas. Email: renatavictoronline@gmail.com.

⁹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e integrante do Grupo de Pesquisa Mediações e Interações Radiofônicas. Email: lviana.s@hotmail.com.

Introdução

Mais do que uma simples efeméride, os 25 anos de criação do Grupo de Pesquisa (GP) Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) representam um marco na consolidação das pesquisas sobre radiofonia, música e som no Brasil. Os anais dos Congressos Brasileiros de Ciências da Comunicação promovidos pela Intercom oferecem rico material de consulta, não apenas para pesquisadores em formação, mas também para investigações de caráter epistemológico, que possibilitem identificar o estado da arte em termos de pesquisa científica no campo.

Com o objetivo de mapear a produção do GP e identificar tendências, o Grupo de Pesquisa Mediações e Interações Radiofônicas, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM/UERJ), listado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e liderado pelo primeiro autor, realizou levantamento exploratório nos anais dos congressos nacionais da Intercom. O *corpus* totaliza 570 artigos publicados no período de 2001 a 2015 – os trabalhos apresentados entre 1994 e 1999 estão disponíveis no portal da associação, na seção Portcom, mas de forma dispersa; daí a opção por circunscrever a amostra ao século XXI.

Nessa tentativa de cartografar o campo (no sentido lírico de MARTÍN-BARBERO, 2002), os *papers* do GP Rádio e Mídia Sonora foram analisados a partir de três grandes categorias: Perspectivas Teóricas, Objetos e Perspectivas Metodológicas. Os dados sobre metodologia foram apresentados em caráter preliminar no congresso nacional da Intercom em 2015 e posteriormente revistos e ampliados para publicação no livro eletrônico que comemora os 25 anos do GP (KISCHINHEVSKY et al., 2016). O presente artigo tem como foco, portanto, o detalhamento dos resultados do levantamento em relação às chaves conceituais e aos objetos eleitos pelos pesquisadores de rádio e mídia sonora no período.

Foram considerados, na categorização das perspectivas teóricas e objetos, esforços anteriores de análise sobre a produção científica radiofônica no país (cf., entre outros, HAUSSEN, 2004, MOREIRA, 2008, MOREIRA e DEL BIANCO, 1999, PRATA, 2015, PRATA, MUSTAFÁ e PESSOA, 2014, LOPEZ e MUSTAFÁ, 2012), tanto em termos de defesa de teses e dissertações quanto de publicação de artigos e livros e apresentação de trabalhos nos principais eventos da área de Comunicação.

Em relação às perspectivas teóricas, foram elencadas previamente as principais

correntes epistêmicas nas áreas de Ciências Sociais Aplicadas e Humanidades, bem como chaves conceituais, chegando-se à seguinte listagem de categorias: História/Memória; Ensino-Aprendizagem/Educomunicação; Economia Política da Comunicação/Políticas de Comunicação; Estudos de Recepção; Semiótica; Análise de Discurso; Linguagens; Cibercultura; Estudos de Jornalismo; Comunicação Comunitária; Comunicação Organizacional; Gêneros; Mediações/Estudos Culturais; Mediatização; Interações/Interacionismo Simbólico; Estética; Imaginário; Identidade; Representações; Cartografia/Panorama/Mapeamento; Oralidade; Cultura do Ouvir/Escuta/Audição; e Performance de Corpo/Voz.

Algumas foram agrupadas devido às afinidades e interfaces evidentes, embora guardem certa diversidade entre si. História e memória, por exemplo, já foram tidos como conceitos distintos (NORA, 1993), mas cada vez mais são reconhecidos como profundamente imbricados (RICOEUR, 2010). Igualmente, nos vimos compelidos a reunir na categoria Ensino-Aprendizagem/Educomunicação trabalhos muito variados entre si, que abordam desde relatos de experiências de ensino-aprendizagem de rádio em cursos de Comunicação até os trabalhos filiados ao campo interdisciplinar que faz a ponte entre Comunicação e Educação. O mesmo ocorreu com os estudos críticos filiados à Economia Política da Comunicação e suas várias vertentes e com os estudos de políticas públicas e regulação dos mercados de radiodifusão. Perspectivas teóricas menos acionadas não aparecem nas categorias listadas, pois sua presença nos anais dos congressos analisados foi considerada residual.

Quanto aos objetos, a relação de categorias foi crescendo à medida que o levantamento avançava, exigindo maior delimitação. Ao fim, chegou-se à seguinte listagem: História/Memória de Emissoras, Programas e Personagens; Rádio-Arte; Rádio Público/Educativo; Rádios Comunitárias; Rádio Local/Regional/Rural; Radiojornalismo; Publicidade/Propaganda Radiofônica; Rádio e Política; Teorias do Rádio; Mercado Radiofônico/Gestão; Rádio Religioso; Rádio Esportivo; Rádio Musical; Indústria Fonográfica/Música; Estudos de Som; Rádio-drama/Radionovela; Humor; Radialismo; Convergência Midiática; Web Rádio; Podcasting; Rádio Digital; Interatividade; e Outros.

Assim como nas perspectivas teóricas, foi necessário agrupar alguns dos objetos (rádio público e educativo e rádio local, regional e/ou rural, por exemplo), devido à clara afinidade entre estes, mas optou-se por conservar algumas categorias independentes, como web rádio, podcasting e rádio digital, embora os três estejam inseridos na lógica da

convergência midiática – isso ocorreu para que pudesse ser captada a variação de interesse que cada uma dessas modalidades radiofônicas suscitou nos pesquisadores ao longo dos anos.

Para a categorização, foram levados em consideração inicialmente os títulos, resumos e palavras-chave dos artigos, mas, em muitos casos, estas informações não estavam claras e foi necessário ler a íntegra dos *papers*. Cabe ressaltar que vários textos foram alocados em mais de uma categoria e, por isso, as somas resultam, em geral, superiores a 100%.

Perspectivas teóricas

A exemplo do que foi detectado por Dóris Fagundes Haussen (2004, op. cit.) nas pesquisas radiofônicas nos anos 1990, também há um predomínio dos estudos de história e memória no presente levantamento. A participação oscilou ao longo do tempo, mas permaneceu sempre alta, colocando-os em primeiro lugar absoluto, com 201 dos 570 trabalhos publicados nos anais do GP nos congressos nacionais da Intercom no período 2001-2015 – o equivalente a 35% do total. A maior presença foi em 2003, quando 22 dos 38 *papers* aceitos (57,9%) pertenciam a esta categoria. A menor, com 11 dos 50 artigos (22%), ocorreu em 2010, época em que o GP, prestes a completar 20 anos, se mobilizava para traçar um panorama do rádio no Brasil, depois sistematizado em coletânea (PRATA, 2011). Efemérides que motivaram livros organizados por integrantes do GP, como os 50 anos de suicídio de Getúlio Vargas (BAUMWORCEL, 2004), ajudaram a manter essa participação elevada. Em 2015, a categoria representou 21 dos 56 trabalhos, ou 37,5% do total.

Essa prevalência dos estudos de história e memória ocorre apesar da consolidação da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Rede Alfredo de Carvalho – Alcar), criada em junho de 2001 e que, entre 2003 e 2009, promoveu encontros anuais – a partir daí, os eventos nacionais passaram a ocorrer em caráter bienal, intercalados com os regionais. Embora só em 2011, a Rede Alcar tenha passado a operar com Grupos de Trabalho, incluindo um sobre História da Mídia Sonora, trabalhos sobre rádio podem ser encontrados desde a primeira edição de seus encontros.

Para Ferraretto (2002), a busca pelo aporte teórico da História ajuda a “oferecer uma contribuição não para estabelecer certezas absolutas a respeito do desenvolvimento do veículo [...], mas sim para diminuir as incertezas existentes” (p. 21). O pesquisador supõe

que, do “testemunho do passado, surja alguma luz sobre o presente da radiodifusão sonora” (p. 21). Olhamos no retrovisor, mas sempre com a perspectiva do presente, o que suscita questões de ordem epistemológica, que infelizmente não teremos espaço aqui para desenvolver.

O fato é que a presença sistemática dos trabalhos de história e memória no GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom traz indícios da própria constituição do campo, relegado a segundo plano em nível acadêmico por uma série de fatores¹⁰. Entendemos que parte significativa dos artigos analisados envolve mera revisão bibliográfica e hemerográfica, empreendida muitas vezes de forma acrítica. A proliferação de fontes de informação online facilitou tremendamente as atividades de pesquisa, mas, também, pressupõe riscos (como a reprodução de informações de origem duvidosa) e tentações (como a mitificação de instituições e personagens pesquisados).

Escrever um artigo acadêmico sobre rádio não pressupõe contar a história de uma emissora ou de um comunicador, de forma linear, sem historicidade, ou de modo memorialístico. Um breve histórico copiado e colado a partir de fontes on-line cada vez mais numerosas e acessíveis não nos traz mais contexto sobre o objeto escolhido, nem qualifica nossas pesquisas. Assim, apenas reproduzimos o que já foi escrito, acriticamente, muitas vezes por gente sem formação acadêmica, contaminada por narrativas enfiadas. (KISCHINHEVSKY et al., 2016)

Em segundo lugar, após História/Memória, temos quase um empate técnico entre diversas categorias de Perspectivas Teóricas: Linguagens (71 artigos, ou 12,5% do total), Ensino-Aprendizagem/Educomunicação (66, ou 11,5%). Curiosamente, enquanto os *papers* relativos a ensino-aprendizagem de rádio e de comunicação e educação se distribuem de forma equilibrada ao longo dos anos, os trabalhos sobre linguagem se concentram em 2006, ano em que representaram 44,8% do total, devido às discussões sobre os limites da radiofonia diante das plataformas digitais (sobre o tema, cf. KISCHINHEVSKY e MODESTO, 2014, entre outros).

Em seguida, vêm Cartografia/Panorama/Mapeamento (51, ou 8,9% – desse universo, 15 somente em 2010 e mais oito em 2011, devido à produção de coletânea mencionada anteriormente), Cibercultura (47, ou 8,3%), Estudos de Recepção, Cultura do Ouvir/Escuta/Audição (ambas categorias com 41 textos, ou 7,2% cada), Economia Política

¹⁰ Pesquisadores de rádio e mídia sonora vêm, em geral, do mercado radiofônico e/ou jornalístico, titulando-se tardiamente. O fazer radiofônico está associado a uma práxis profissional não raro vista com desdém pelos teóricos da comunicação, detentores de postos-chave nas universidades e nas agências de fomento. Apenas na década atual, com a crescente inserção de pensadores do rádio e da mídia sonora na pós-graduação stricto sensu, esse preconceito começa a ser neutralizado, mas ainda há longo caminho pela frente em termos de legitimação acadêmica do campo.

da Comunicação/Políticas de Comunicação (39, ou 6,8%), Estética (36, ou 6,3%), Comunicação Comunitária (35, ou 6,1%), O gráfico abaixo exhibe as dez categorias mais utilizadas dentro do período pesquisado.

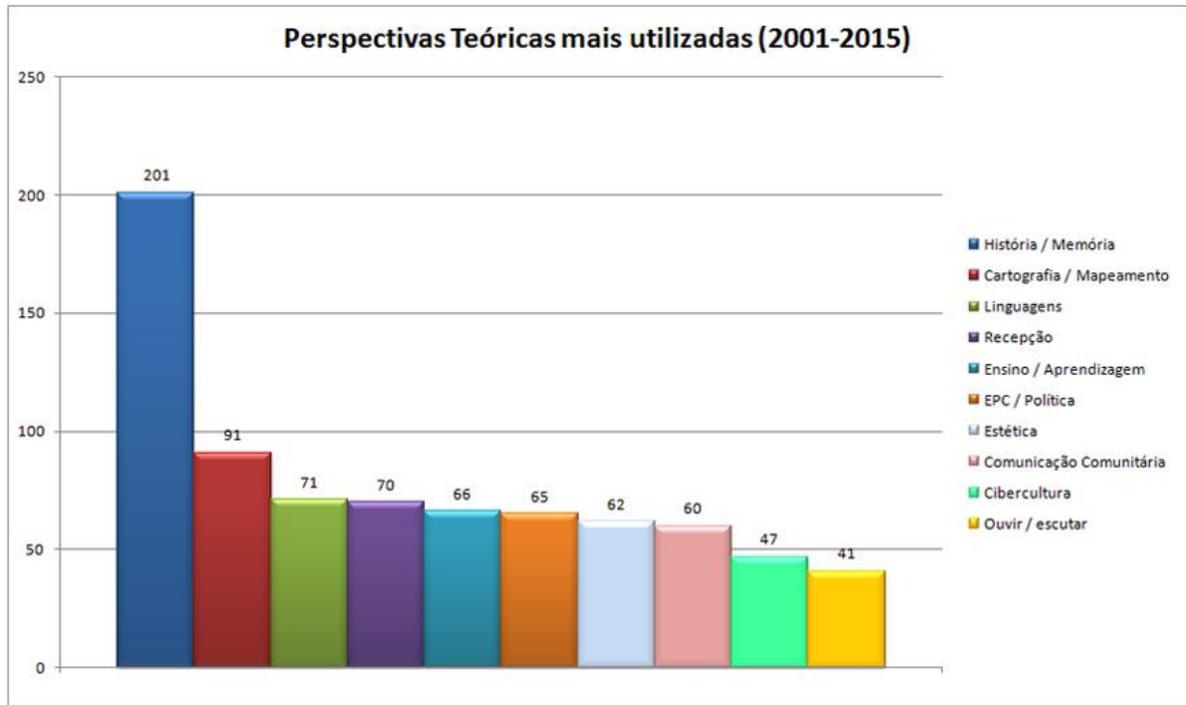


Figura 1: representação gráfica das dez modalidades de perspectiva teórica mais utilizadas nos artigos do GP de Rádio e Mídia Sonora da Intercom, entre 2001 e 2015. Dados em número absoluto. Elaboração própria do Grupo de Pesquisa Mediações e Interações Radiofônicas.

Somando-se às dez mais, aparecem as perspectivas ligadas a Mediações/Estudos Culturais, Análise de Discurso (ambas com 30 artigos, ou 5,2%), Identidade (29, ou 5%), Gêneros (22, ou 3,8%), Oralidade (21, ou 3,6%) e Imaginário (20, ou 3,5%).

Os *papers* que têm como chave conceitual as práticas interacionais entre ouvintes e emissoras também totalizaram 20, ou 3,5%, mas é curioso que 19 tenham sido registrados a partir de 2008, o que talvez seja explicado pela retomada dos estudos identificados com o chamado interacionismo simbólico – corrente que tem o cientista social Erving Goffman entre seus expoentes.

Na sequência, vêm Representações (19 trabalhos), Performance de Corpo/Voz (17), Mediatização (14) e Estudos de Jornalismo (13). Chama a atenção ainda o número exíguo de artigos classificados nas categorias Semiótica (7) e Comunicação Organizacional (5) – não foi verificada participação significativa de estudos que abordassem o rádio, o som ou a música nos GPs Semiótica da Comunicação e Relações Públicas e Comunicação Organizacional, no período do levantamento, o que poderia justificar o reduzido número de

trabalhos com estas perspectivas teóricas no GP Rádio e Mídia Sonora.

O que se pesquisa

A escolha dos objetos guarda estreita correlação com os referenciais teóricos, mas há nuances que indicam claramente as vertentes de pesquisa em rádio e mídia sonora num país continental como o Brasil.

A liderança, compatível com as Perspectivas Teóricas, é de trabalhos que buscam delinear a história ou recuperar memórias de emissoras, programas e/ou personagens do rádio (190 artigos, exatamente um terço do total) – a diferença em relação aos 201 artigos listados na categoria anterior se deve a um pequeno número de *papers* focados na historiografia do campo, propostas de periodização da história do rádio e da indústria fonográfica no Brasil e/ou ensaios teóricos.

A segunda posição na categoria Objetos é dos *papers* que abordam o rádio em nível local ou regional ou ainda o rádio rural (127, ou 22,2% do total) – não por coincidência, na maioria dos casos, abordados numa perspectiva histórica. Logo atrás, em terceiro lugar, vêm os artigos que tratam de radiojornalismo (121, ou 21,2%) e, na sequência, aqueles voltados para a convergência midiática em seus mais diversos aspectos (98, ou 17,1%).

Radiojornalismo e Convergência Midiática, aliás, são chaves conceituais em franca ascensão. Em 2015, ambas categorias bateram recorde de trabalhos, com 24 (43% do total) e 15 (27%) dos 56 aprovados no GP, respectivamente – a menor participação de *papers* sobre radiojornalismo havia sido registrado em 2012, com três dos 41 apresentados (7% do total); já no caso de convergência, só em 2002 não houve apresentação de artigos sobre o tema. É curioso, no entanto, que apenas 25 (ou 20,6%) dos 121 artigos sobre radiojornalismo recorram a aportes teóricos relacionados às Teorias do Jornalismo, como as noções de construção social da realidade (TRAQUINA, 2005) e *newsmaking* (WOLF, 2009). Não seria necessariamente um dever do pesquisador escolher um paradigma específico que conduza os objetos escolhidos do ponto de vista teórico, mas a reflexão sobre questões específicas ligadas às rotinas de produção, à circulação e à recepção pode ser trabalhada de forma coerente quando a natureza da bibliografia converge com seus objetos.

Depois das categorias Radiojornalismo e Convergência Midiática, em quinto lugar vêm os trabalhos que enfocam o rádio público e/ou educativo (53, ou 9,2%), incluindo discussões sobre rádio na escola, educação para as mídias e programas radiofônicos voltados para o público infante-juvenil; as relações entre rádio e política (38, ou 6,6%, com nítido declínio após 2004, ano em que foi apresentado um recorde de 10 artigos sobre o

tema); indústria fonográfica/música (também com 38); teorias do rádio (36, ou 6,3%); radiodifusão comunitária (35, ou 6,1%); radioarte (33, ou 5,7%); estudos de som (26, ou 4,5%); e rádio musical (24, ou 4,2%).

Um aspecto notável é a evolução dos trabalhos sobre música e/ou indústria fonográfica. Seria possível supor que, como o GP Rádio e Mídia Sonora representava um espaço único no âmbito da Intercom para artigos relacionados a esses temas, o número de *papers* sobre música e/ou indústria fonográfica declinasse sistematicamente a partir da criação do GP de Comunicação, Música e Entretenimento. Com atividades iniciadas em 2013, o GP Comunicação, Música e Entretenimento reuniu naquele ano 17 apresentações de trabalhos, número que subiu para 26 no ano seguinte e para 44 em 2015 – um sinal inequívoco de uma demanda reprimida, sobretudo em relação a pesquisas relacionadas a gêneros musicais, consumo midiático e discussões estéticas.

Ainda assim, a análise dos dados indica que a apresentação de trabalhos dedicados ao tema música e/ou indústria fonográfica no GP Rádio e Mídia Sonora se mantém com alguma regularidade ao longo de todo o período analisado (2001-2015). Só em 2003 não houve registro de artigos relacionados à temática. A maior participação se deu em 2007, quando um sexto dos trabalhos (cinco dos 30 apresentados) abordava estes temas. Em 2013, foram dois de 31 (6%); no ano seguinte, quatro de 49 (8%); e, em 2015, apenas um entre 56 (2%). Uma explicação possível para essa persistência da música e da indústria fonográfica no GP Rádio e Mídia Sonora é a abertura de espaço para discussão de temas como direitos autorais, distribuição e circulação de fonogramas, de modo articulado com o rádio e com outras plataformas digitais, como os serviços de streaming. O resultado do levantamento aponta para uma complementaridade entre os GPs, mas só o tempo dirá como essa participação vai evoluir. O gráfico a seguir exhibe os dez objetos mais pesquisados dentro do período pesquisado.

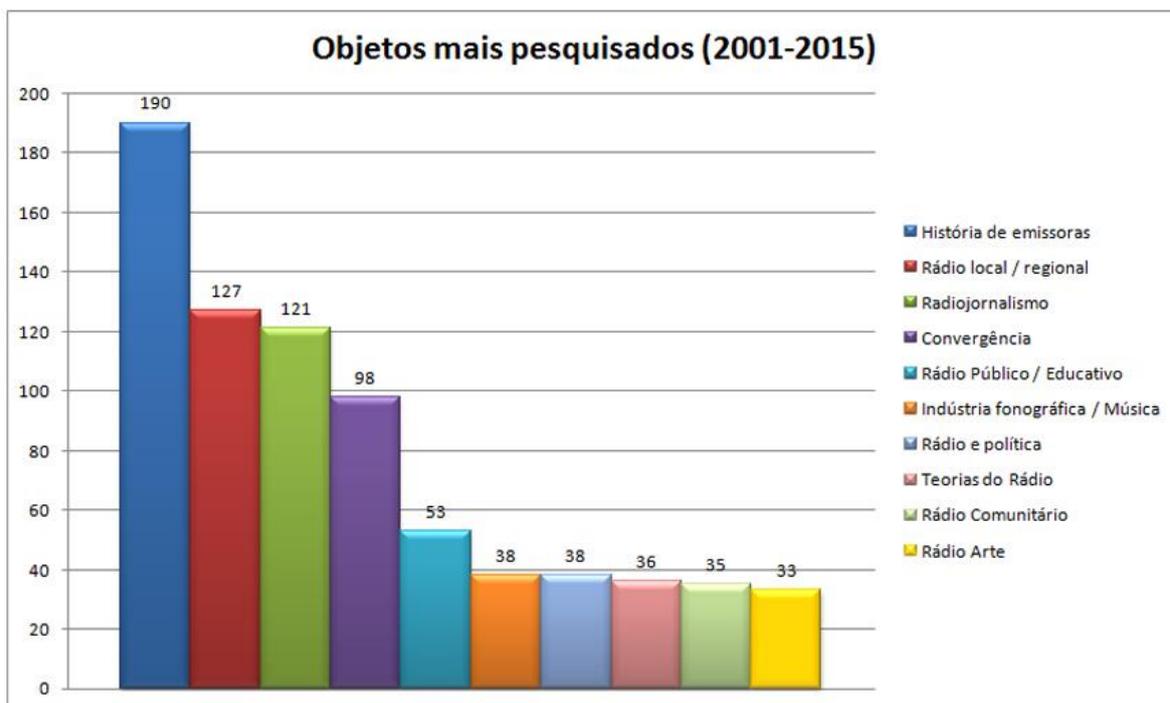


Figura 2: representação gráfica dos dez objetos mais pesquisados nos artigos do GP de Rádio e Mídia Sonora da Intercom, entre 2001 e 2015. Dados em números absolutos. Elaboração própria do Grupo de Pesquisa Mediações e Interações Radiofônicas.

Complementando a análise dos dados, certos objetos denotam a variação do interesse dos pesquisadores ao longo dos anos, apresentando expressiva oscilação. Convergência, por exemplo, é objeto de 60 artigos apenas entre 2011 e 2015 – 61,2% do total classificado nesta categoria. Interatividade, por sua vez, é o foco de 21 artigos, dos quais nada menos que 18 foram apresentados a partir de 2009.

Já o podcasting é abordado em 16 *papers*, a partir de 2005, ano em que esta modalidade radiofônica passa a ser discutida na academia, mas cai no esquecimento após 2008, sendo retomado como objeto a partir de 2012 – período que coincide com a emergência de novos modelos de negócios de radiofonia sob demanda.

Outra categoria que mostra forte oscilação é a do rádio digital, objeto de 18 trabalhos no período pesquisado. O pico de interesse ocorre entre 2006 e 2007, quando são apresentados 10 *papers* sobre o tema, em meio às discussões sobre qual o melhor padrão a ser adotado no Brasil – decisão que acabou sendo adiada por tempo indeterminado após posicionamento público do GP Rádio e Mídia Sonora em favor de critérios básicos para a escolha, como gratuidade no acesso, tecnologia não-proprietária (livre de pagamentos de royalties) e integração com outros meios digitais.

Chama a atenção o relativamente baixo número de trabalhos sobre

publicidade/propaganda radiofônica, rádio-drama/radionovelas, web rádios (as três categorias com 19 registros cada, entre 2001 e 2015), mercado radiofônico/gestão de emissoras (17), rádio esportivo (16, dos quais seis em 2012, ano em que foi publicada coletânea com integrantes do GP sobre o papel do rádio nas Copas do Mundo de Futebol entre 1938 e 2010 – cf. RANGEL e GUERRA), radialismo (14), rádio e religião (10) e humor (cinco).

Panorama das emissoras nas capitais brasileiras (PRATA, 2011, op. cit.) revela o peso da programação de caráter religioso de Norte a Sul do país – no Rio de Janeiro, por exemplo, 17 das 44 emissoras pesquisadas por ocasião do levantamento tinham vínculos com denominações religiosas, na maioria absoluta neopentecostais. Um dos raros trabalhos apresentados no GP sobre rádio e religião (PRATA, LOPEZ e CAMPELO, 2014) é justamente um mapeamento que estima em 40% o percentual de estações com programação de cunho religioso em todo o país, um sinal claro de que este universo está longe de receber a devida atenção na academia.

O mesmo ocorre com o rádio esportivo, considerando-se o peso das transmissões de futebol na grade e no bolo publicitário abocanhado pelas emissoras e pelos narradores. Não há dados atualizados sobre essa importância, mas levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV), por encomenda da Associação Brasileira das Emissoras de Rádio e Televisão (Abert), abrangendo 917 estações de rádio de todo o país, mostra que, em 2008, programas esportivos representavam 9,3% das grades de emissoras em Ondas Médias (AM), atrás apenas de programas de variedades (24,2%), música nacional (21,1%), jornalismo (17,5%) e atrações religiosas (14,4%)¹¹. Ainda assim, praticamente inexistem trabalhos acadêmicos que busquem identificar a importância do segmento na radiodifusão e suas especificidades em termos de linguagem, rotinas produtivas e estabelecimento de vínculos com a audiência.

Por fim, surpreende o baixo número de trabalhos – um a dois por ano – que enfocam a publicidade e a propaganda radiofônicas, levando-se em conta a existência de 445 cursos de graduação presencial em PP em atividade no Brasil¹². E não se pode dizer que os trabalhos sobre esta temática estejam inseridos no GP Publicidade e Propaganda, da Intercom, que, entre 2004 e 2013, só registrou três artigos que tinham “rádio” entre as palavras-chave (COVALESKI, 2014). Uma busca nos anais deste GP referentes a 2014 e

¹¹ “Análise do perfil sócio-econômico do setor de radiodifusão no Brasil”, 23 de setembro de 2008, Ibre/FGV.

¹² Consulta realizada no portal do Ministério da Educação: <http://emec.mec.gov.br/>. Último acesso: 5/7/2016.

2015 não revela mais nenhum trabalho dedicado à publicidade radiofônica. Claramente, há um círculo vicioso, em que a produção publicitária calcada na sonoridade não suscita reflexões e, conseqüentemente, tem sua potencialidade ignorada pela academia – é possível que estejamos diante de um sintoma da aguda escassez de professores com experiência profissional na produção de spots, jingles e outras peças publicitárias radiofônicas, devido à grande atenção do mercado em torno da TV e, mais recentemente, da internet.

O mesmo pode ser dito em relação ao radialismo, objeto de pouquíssimas reflexões. Se excluirmos os quatro trabalhos apresentados em 2015 que abordam o pioneirismo da pesquisadora Zita de Andrade Lima (depois sistematizados em coletânea organizada por MELO e PRATA), seriam apenas dez artigos em 15 anos – os cursos de graduação presencial em Radialismo, Rádio e TV ou Rádio, TV e Internet em atividade no país somam 40 e a especialidade se encontra numa encruzilhada, que passa pela discussão de novas diretrizes curriculares¹³.

Considerações finais

Da análise, emergem percepções sobre os interesses de centenas de pesquisadores que ajudam a traçar um perfil mais claro do campo.

De um lado, percebe-se a qualificação do GP Rádio e Mídia Sonora, com um número crescente de doutores vinculados a Programas de Pós-Graduação em Comunicação e áreas afins, bem como de mestres com atuação na Graduação em faculdades particulares de Norte a Sul do país. Exemplar desse processo é o número expressivo de artigos apresentados por pesquisadores em formação.

Em 2001, apenas dois trabalhos (10%) eram declaradamente desdobramentos de dissertações de Mestrado, e predominavam artigos apresentados por autores sem titulação declarada¹⁴. Já em 2015, sete doutorandos e nada menos que 18 mestrandos apresentaram um total de 23 (o equivalente a 41%) dos 56 trabalhos aprovados no GP. Muitos co-assinam com seus orientadores, pesquisadores com vinculação de muitos anos ao grupo – um sinal de maturidade acadêmica do campo (KISCHINHEVSKY et al., 2016, op. cit.).

Há, contudo, enormes desafios pela frente em relação à densidade das pesquisas em

¹³ Consulta realizada no portal do Ministério da Educação: <http://emec.mec.gov.br/>. Último acesso: 5/7/2016.

¹⁴ Dados sobre titulação não eram, em geral, explicitados, pois não havia um documento-modelo que indicasse estas informações como relevantes. Vale lembrar que, historicamente, o Intercom é um evento inclusivo, que permite a apresentação de trabalhos por graduados e especialistas. Ainda assim, com a consolidação do GP Rádio e Mídia Sonora, há um predomínio de trabalhos apresentados por doutores ao longo dos últimos anos – em 2015, por exemplo, foram nada menos que 33 artigos assinados por doutores (58,9% do total), individuais ou em parceria com pesquisadores em formação.

rádio e mídia sonora. Ao privilegiar a abordagem histórica e memorialística de personagens, programas e/ou emissoras de rádios locais, o campo perde de vista questões-chave contemporâneas, como as discussões regulatórias (migração do AM para o FM, políticas de concessões de radiofrequências, fiscalização de cumprimento de obrigações legais), a reconfiguração do mercado (avanço das grandes redes em detrimento de estações locais, incapacidade gerencial e de inovação dos radiodifusores em termos de linguagens e formatos, concorrência com novos atores como os serviços de streaming, precarização das atividades profissionais) e a limitada diversidade de vozes (representação de mulheres, negros, LGBT e minorias, pluralidade de fontes de informação, participação efetiva da audiência).

Ainda assim, entendemos que passos importantes foram dados nos últimos anos nessa direção, possibilitando o adensamento dos estudos de rádio e mídia sonora no Brasil, o que já angariou reconhecimento internacional para o GP. Resta intensificar os esforços de pesquisa nesse momento tão desafiador para a comunicação radiofônica e a mídia sonora em geral, participando não apenas por meio de reflexões desvinculadas de uma perspectiva empírica, mas sobretudo através da construção de conhecimento coletivo que possa ajudar a balizar políticas públicas e, assim, assegurar a sobrevivência de um dos meios de comunicação mais relevantes para a sociedade brasileira. Um meio em que ouvimos os sons da cidade, do país e do mundo e no qual temos que lutar para nos fazermos ouvir.

REFERÊNCIAS

BAUM, Ana (org.). **Vargas, agosto de 54: a história contada pelas ondas do rádio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

COVALESKI, Rogério. Mapeamento das Pesquisas em Publicidade e Propaganda: DT-PP, 2004 a 2013. In: **Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Foz do Iguaçu, PR: Intercom, 2014.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40: dos pioneiros às emissoras comerciais)**. Canoas: Ed. da Ulbra, 2002.

HAUSSEN, Doris Fagundes. A produção científica sobre o rádio no Brasil: livros, artigos, dissertações e teses (1991-2001). **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 25, p. 119-126, 2004.

KISCHINHEVSKY, Marcelo, FERNÁNDEZ, José Luis, BENZECRY, Lena, MUSTAFÁ, Izani, CAMPOS, Luiza Borges, RIBEIRO, Cintia e VICTOR, Renata. Estudos radiofônicos no século XXI – Perspectivas metodológicas dos trabalhos apresentados no GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom entre 2001 e 2015. In: ZUCULOTO, Valci, LOPEZ, Debora, KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Estudos radiofônicos no Brasil: 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom em perspectiva**. São Paulo: Intercom, 2016.

_____. Métodos de pesquisa qualitativa aplicada à comunicação radiofônica. In: MOURA, Cláudia Peixoto de, LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). *Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

_____, MODESTO, Cláudia Figueiredo. Interações e mediações Instâncias de apreensão da comunicação radiofônica. *Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação*, v. 2, p. 12-20, 2014.

LOPEZ, Débora Cristina, MUSTAFÁ, Izani. Pesquisa em rádio no Brasil: um mapeamento preliminar das teses doutorais sobre mídia sonora. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 189-205, 2012.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MELO, José Marques de; PRATA, Nair. **Radialismo no Brasil – Cartografia do Campo Acadêmico (Itinerário de Zita, a Pioneira)**. Florianópolis: Insular, 2015.

MOREIRA, Sonia Virginia. Rádio. In: MELO, José Marques de (Org.). **O campo da Comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MOREIRA, Sonia Virginia; DEL BIANCO, Nélia. A pesquisa sobre o rádio no Brasil nos anos oitenta e noventa. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (Org.). **Vinte anos de Ciências da Comunicação no Brasil**. São Paulo: Editora Intercom, 1999. p. 85-95.

NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 10. São Paulo, dez.-1993.

PRATA, Nair; MUSTAFÁ, Izani e PESSOA, Sonia Caldas. Teóricos e pesquisadores de rádio no Brasil. **Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)**, São Paulo, V. 3, n.1, p. 65-82, jan.2014-jun/2014.

PRATA, Nair. Pesquisa em rádio no Brasil – O protagonismo do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom. In: OLIVEIRA, Madalena, PRATA, Nair (org.). **Rádio em Portugal e no Brasil: Trajetória e Cenários**. Braga: CS Edições, 2015, v. 1, p. 219-238.

_____. (org.). **Panorama do rádio no Brasil**. v. 1, pp. 421-458. Florianópolis: Insular, 2011.

PRATA, Nair, LOPEZ, Debora, CAMPELO, Wanir. Panorama do rádio religioso no Brasil. In: **Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Foz do Iguaçu, PR: Intercom, 2014.

RANGEL, Patrícia, GUERRA, Márcio (org.). **O Rádio e as Copas do Mundo**. Juiz de Fora: Juizforana Gráfica e Editora, 2012.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: Editora Unicamp, 2010.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo – Volume I: Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2009.